

CARTA DE SANTO INÁCIO DE LOYOLA A UM EDUCADOR¹

Andrea Cecilia Ramal

Querido companheiro,

Escrevo-te porque estou convencido de que o campo educacional é um espaço privilegiado para a concretização daquilo que me propus em minha vida, e em função do qual me tornei um companheiro de Jesus. Quero dirigir-te umas palavras sobre o teu papel nesse espaço e sobre a desafiadora missão para a qual preciso convocar-te.

Talvez não saibas que, quando fundei a Companhia e escrevi a Fórmula do Instituto, documento que serviria como base para a aprovação da Ordem em 1540, concebi uma ampla gama de apostolados sem contemplar, inicialmente, a educação. Tanto é assim que os primeiros trabalhos pedagógicos foram quase que “informais” - lembro-me dos relatos de Francisco Xavier sobre suas aulas de leitura e catecismo em Goa, em 1543, chegando a reunir mais de seiscentos estudantes... Esses e outros trabalhos não chegavam a constituir um *apostolado educacional*.

Entretanto, pouco tempo depois essa opção se modificaria. Via que precisávamos colaborar com a missão da Igreja no sentido de promover a pregação do Evangelho e a causa da unidade católica, num contexto social e cultural caracterizado por graves divisões e preocupantes forças de desagregação. Na verdade, minha motivação não era apologética, e nem mesmo consistia numa tentativa de resposta à Reforma luterana. O impulso maior vinha, sim, da necessidade que percebia de formar a juventude a partir de determinados valores que queríamos, então, promover.

Comecei a constatar que não bastava formar bons sacerdotes; era necessário também formar bons cidadãos, trabalhadores competentes, pessoas capazes de liderar ações de mudança, que assumissem os modelos evangélicos que sonhávamos construir. E sentia que esses valores eram comunicados mais facilmente aos jovens que ainda não estavam tão contaminados por outras influências que a sociedade de então podia ter sobre eles. Minha convicção era de que a formação cristã num contexto humanístico teria um impacto decisivo sobre o modo de ser dos estudantes e sobre sua visão de mundo.

Foi com essa esperança que abrimos os colégios - no primeiro, em Messina, em 1548, depositei tanta expectativa que escolhi jesuítas do maior talento e com a maior capacidade de diálogo internacional possível. Meus companheiros notavam que nunca, antes, havia concentrado tanto talento humano numa única missão. Isso ajudou para que aquela instituição logo se distinguisse, o que nos animou a ampliar a ação nesse campo. Abrimos colégios em diversos países, entre os quais Portugal, Espanha, Itália. Quando Pedro Canísio me escreveu perguntando que meios a Companhia poderia usar para ajudar

¹ Esta carta é fictícia e foi escrita levando em conta as Anotações dos Exercícios Espirituais e os últimos documentos do apostolado educacional da Companhia de Jesus. Em: ITAICI - REVISTA DE ESPIRITUALIDADE INACIANA - Nº 48, 2002.

melhor a Alemanha, não hesitei em lhe responder: “os colégios”. Meus companheiros e eu nos convencíamos cada vez mais de que os apostolados estabelecidos na Fórmula do Instituto podiam se levar a cabo através das obras educacionais, pois da educação conveniente da juventude dependia o próprio bem-estar do cristianismo e a concretização do Reino.

Para nortear o fazer pedagógico, foi elaborada a *Ratio Studiorum*, na qual procurou-se reunir todo o espírito humanista do Renascimento e a visão espiritual que eu desenvolvera nos Exercícios, articulados com o *modus parisiensis*, método pedagógico que me impressionara nos meus estudos em Paris. Nossa idéia era formar as pessoas de uma maneira integral, abarcando a inteligência, à vontade e a sensibilidade. Queríamos atender a todas as classes sociais, motivo pelo qual as escolas eram gratuitas, com todas as dificuldades que, como podes imaginar, passávamos para isso. Em geral, conseguíamos ajuda de benfeitores e, com essas parcerias, levávamos adiante o trabalho. Foi fundamental a dedicação de tantos professores - naquele momento, padres jesuítas - assumindo a tarefa de ensinar aos que pouco sabiam, levando tantas almas a crescerem no conhecimento do Senhor.

Muitas coisas foram sucedendo desde então para que Deus fizesse de nós o que somos hoje. Entramos em novos continentes, e sei que muitas vezes, no fervor da batalha educacional, desconhecemos que as comunidades a quem catequizávamos também tinham algo a ensinar. Algo parecido ocorreu em algumas obras de educação popular em que não partimos do saber do estudante e pretendemos impor a nossa visão, como se nosso conhecimento fosse todo definitivo e absoluto. Creio, entretanto, que fomos refletindo criticamente sobre nossa própria ação, e tornando-nos mais capazes de dialogar, de aprender e interagir com culturas diversas, o que enriqueceu a elas e, principalmente, a nós.

Hoje, o panorama mudou muito, e o apostolado educacional da Companhia comporta centenas de colégios e universidades espalhados por todo o mundo. Tais obras são integradas não apenas pelos sacerdotes jesuítas, mas também por milhares de leigos colaboradores que se uniram a nós nessa imensa rede que acumula e integra o saber de toda uma tradição educativa.

É olhando para esse panorama que te escrevo, querido companheiro. No contexto em que educas encontrarás outras forças que ameaçam agora a implementação do Reino: sistemas político-econômicos estruturados em função do mercado, que reduzem a dignidade humana e acentuam a desigualdade; forças opostas aos valores evangélicos, que desagregam e geram conflitos locais e internacionais. Olho para o mundo e ele parece um único globo, no qual se espalham velozmente ideologias que provocam desigualdades e injustiças e fomentam o individualismo, a ganância e a corrupção. Insólitas tecnologias permitem que as pessoas se comuniquem, mas as mensagens que circulam nelas nem sempre promovem o ser humano, nem o dignificam, às vezes reduzindo-o a mero objeto. Máquinas assumem o lugar de pessoas e tornam seu trabalho alienante e desumanizador, reforçando a exclusão. As cabeças e os corações dos jovens estão expostos a tudo isso, muitas vezes de maneira indefesa e inconsciente.

Tens um papel crucial neste momento. É verdade que a educação, sozinha, não pode mudar toda a realidade social. Mas nenhuma grande transformação poderá ocorrer sem que esteja implicada uma tarefa educativa. E é para isso que te chamo: para uma grande transformação. Prepara-te: o que te peço é um movimento gigantesco de ruptura e crise que exigirá de ti não apenas as tuas forças, mas envolverá tuas crenças e teus princípios. Porque deverás questionar-te, ao educar hoje, não sobre os conteúdos que precisas ensinar, mas sim sobre o mundo que pretendes ajudar a construir com tua ação. E para isso, antes será necessário que definas que mestre desejas ser e o quanto de ti estás disposto a colocar nesse imenso empreendimento.

Não tenho a oferecer-te propriamente uma pedagogia, mas alguns elementos de caráter pedagógico que poderão nortear o teu trabalho. Eu os sistematizei ao orientar os Exercícios Espirituais, visando ajudar as pessoas a entrarem em contato com essa Verdade maior, e descobrirem a vontade de Deus para suas vidas.

Como orientador de estudos, tens um papel semelhante. Os estudantes que recebes a cada ano letivo são pessoas: com suas expectativas, suas características, seus medos e anseios. Eles têm uma opção de vida a definir, que irá se construindo a partir da experiência com os saberes que, como mediador, lhes apresentares. Pensa, antes de tudo, neles.

Já te perguntaste, ao entrar na sala de aula, quem é o teu aluno, o que deseja, o que ele espera e sente? De que coisas gosta, como reage diante do que o desagrada, o que precisa para crescer e superar os seus limites...? E mais: como é seu mundo, como é essa complexa sociedade em que ele desenvolve sua existência? É fundamental que leves tudo isso em conta, porque a educação não humaniza ou cristianiza automaticamente, e se queremos ser uma força moral na sociedade, temos que reconhecer que o processo educativo se desenvolve num contexto no qual diferentes valores estão em jogo. É impossível ensinar de forma neutra: todas as disciplinas atestam ou contestam esses diversos valores. Assim, não te contentes em comunicar um saber como se teus estudantes fossem sempre os mesmos, e os seus contextos semelhantes: não te abstraias dos valores que todo saber engloba.

Para isso, o primeiro passo será ouvir o teu aluno. Permite que ele fale: deixa-te encantar por seu discurso repleto de sentidos. Transforma tua sala de aula no espaço de todas as vozes. Verás que a fala daquele a quem ensinas será muitas vezes como uma doce e suave melodia que alegrará tuas tardes e te ajudará, misteriosamente, a descobrir algo sobre tua própria existência. Perceberás, então, que tu também aprendes.

Busca oportunidades para levá-lo a experimentar o que estuda; pois não é o muito saber que sacia e satisfaz a alma, mas sim o sentir e saborear as coisas internamente. Se teu aluno penetrar no âmago daquilo que lê e pesquisa, assim como meus orientandos, nos Exercícios, penetravam na mística experiência do Pai que se revela, é possível que, curiosamente, também ele encontre algo de Deus nessa aprendizagem. Porque em tudo o que ensinares, em toda ciência e em todo fruto do conhecimento humano, haverá sinais e marcas indeléveis desse Criador do qual todas as coisas provêm e para o qual todas se dirigem. Deixa que essa verdade os fascine e os seduza: jamais serão os mesmos.

Não há aprendizagem sem que os afetos estejam implicados

Saberás encontrar as estratégias didáticas mais adequadas: muitos teóricos já aprofundaram hoje certas idéias que eu apenas intuí, reforçando a necessidade de que os conteúdos façam sentido para o estudante, sem o que não ocorre aprendizagem significativa, e descrevendo as múltiplas inteligências que podemos mobilizar no ato de aprender. Eu costumava levar os orientandos a exercitarem não apenas a inteligência, mas também a imaginação e os sentidos, propondo meditações e contemplações; hoje, além desses recursos, as novas tecnologias te darão uma ampla gama de opções para motivar os alunos e fazê-los mergulhar no conhecimento. Lembra-te que não há aprendizagem sem que os afetos estejam implicados. Mobiliza seus corações, faze com que reajam ao que vêem e estudam: é apaixonando-nos por um saber que o descobrimos por dentro, e só com a alma podemos conhecer o essencial.

Mas não os leves a fazer essa experiência inutilmente. A experiência, sem reflexão, é estéril, assim como a reflexão sem experiência é um mero exercício especulativo. Articula, portanto, esse processo com algo que dele não se pode dissociar: o esforço de captar o significado e o valor do que se estuda, a sua relação com outros aspectos do conhecimento e da atividade humana, as suas implicações. Nos Exercícios, eu falava do processo de discernimento, quando, na leitura dos sentimentos experimentados na oração, ajudava a descobrir o impulso e a intenção que moviam o sujeito em cada caso, e a ver com maior clareza a verdade em questão. Tens como fazer isso em teu trabalho pedagógico, fazendo com que teus estudantes reflitam criticamente e captem o sentido mais profundo daquilo que experimentam, penetrando a fundo nas implicações dos conhecimentos, chegando a construir convicções pessoais e a se posicionar diante dos fatos.

O mundo de hoje é tão repleto de conflitos e desigualdades que terás muita matéria para provocar reflexões e ampliar a sensibilidade e a capacidade crítica dos teus estudantes diante das questões sociais e culturais. Tendo mobilizado seu afeto e sua mente, estarás fazendo deles os protagonistas do próprio processo de construção do saber. Eles se envolverão num amplo debate de múltiplos pontos de vista que estarão em negociação no grupo; ensina-os a ser tolerantes e a argumentar em favor do que acreditam sem anular a voz dos demais. A linguagem é a grande arena das contradições: nela, os sujeitos se revelarão a partir dos seus diversos lugares sociais. Lembra-te que tua voz será sempre ouvida como a do mestre; evita que por isso ela pareça à única voz legitimada, o que faria com que o discurso se tornasse opaco e apagasse toda a vida dos atores que o compõem.

Então, a tua sala de aula se converterá num grande concerto de múltiplas vozes, que ensinará que é possível transitar num mundo heterogêneo e diverso, repleto de culturas e visões. Dialoga, tu também, com teus estudantes: eles se converterão em teus companheiros de estudos e, nesse momento, já não haverá mais quem só ensina ou quem só aprende, pois uns educarão aos outros, em comunhão. Apenas não permitas que esse debate reflexivo e crítico se dê sem fixar um norte: sem cair num plano de doutrinação que sufoque a mente, oferece-lhes um referencial de busca. Teu desafio será fazer com que compreendam que o principal critério de tudo e para tudo é, sempre, o amor. Não, porém, um amor qualquer, mas aquele que Jesus Cristo testemunhou. Só com os olhos do amor é que se pode fazer a verdadeira e profunda leitura do mundo.

Mas te digo que quem ama, não permanece parado: o amor tudo transforma e tudo significa. Não te espantes, portanto, se para teus estudantes a aprendizagem se tornar cada vez mais parecida com a ação. Porque aquele que lê o mundo com os critérios do amor não pode contentar-se com o que encontra, e se envolve, se entrega e se lança impunemente para a frente. A pedagogia em que acredito, querido companheiro, é assim: além da inteligência, move afetos e vontades porque pretende mover o próprio mundo. Os teus estudantes terão aprendido, verdadeiramente, quando sentirem que a vida lhes foi dada para grandes coisas, e que há tanto para fazer que não podem perder um só minuto. Então se lançarão no território pouco desbravado das grandes causas e dos projetos impossíveis. Assim ocorria conosco quando, como peregrinos, saíamos por terras desconhecidas, embalados por um único sonho... Hoje, precisamos ainda de mais “missionários”. Cativa teus estudantes para que, sejam quais forem as suas opções de vida e suas profissões, desejem dedicar-se sobretudo à construção desse mundo novo, com grande ânimo e generosidade.

Essa será a maior avaliação que poderás fazer de teu trabalho, como também do crescimento deles. Nesta pedagogia, mais do que qualquer outra prova ou forma de verificação, importa que acompanhes com zelo o percurso integral de teu aluno, e de modo personalizado o ajudes a superar-se e a atingir o máximo de si - mas sem uma obsessão apenas pela produtividade nem pela eficácia, pois a lógica vigente não pode contaminar a tua ação educativa. Por outro lado, anima-o a buscar a excelência, a não se contentar com a mediocridade, a dar o melhor de si em todas as coisas. Poderás ajudá-lo, se lhe ofereceres oportunidades de confrontar-se consigo mesmo, de colocar-se metas e estratégias para alcançá-las. Não te preocupes tanto com as notas e os meros conceitos: tudo isso passa. O que é interno permanece. A avaliação permanente é a maneira de avançar nesse crescimento pessoal que, quanto mais profundo, mais nos torna capazes de descobrir e de amar a Deus. Por isso não faças da avaliação um momento de tensão e angústia; leva teu aluno a se avaliar com liberdade, tranquilidade e despojamento interior. Não lhe coloques modelos nem padrões inatingíveis externos a ele mesmo. Nesse processo, ajuda-o a desenvolver ao máximo todos os dons que recebeu e que deve colocar a serviço dos demais.

Esses elementos que te sugiro não provêm apenas daquela *Ratio Studiorum* de que te falei: podes encontrá-los nos documentos que atualizaram nosso marco teórico, como as *Características da Educação da Companhia de Jesus* e um conjunto de textos que descrevem essa pedagogia à qual vieram a chamar de inaciana. Esse é todo um modo de proceder, um estilo educativo que pode te inspirar, e que resulta, por sua vez, da articulação de nossa tradição pedagógica com uma série de autores da psicologia, da sociologia e da filosofia da educação, os quais deves também tomar como interlocutores, ao construir tua prática docente. Nossa pedagogia, se fechada em si mesma, se empobrece e se esgota; ao contrário, se colocada em confronto com as demais, delas se beneficia e pode também influenciá-las com seu carisma.

Caro companheiro, percebes como é importante o teu papel? Em tuas mãos estão muito mais do que nomes de uma lista de chamada... São pessoas as que te entregam, com seus horizontes abertos e com os anseios ainda brotando em seu coração. Teu

trabalho é decisivo: podes fazer nascer o amor pelo estudo e pelo conhecimento, como podes deixar perecer o entusiasmo de um jovem pela própria vida. Podes instigá-lo a lutar por grandes coisas, como podes ensiná-lo a repetir a mesmice do cotidiano, a se conformar com as desigualdades e a injustiça, a tolerar as coisas que “sempre foram assim”.

Tua lição mais eloqüente será o teu exemplo

Sabes qual será tua lição mais eloqüente? O teu exemplo. Se amares o saber, despertarás em muitos deles o gosto por conhecer aquilo de que falas. Se assumires o teu compromisso como cidadão e como mestre, podes estar certo de que contagiarás a muitos com teu entusiasmo e teu inconformismo. Falo disso com tanta certeza, porque também eu aprendi a conhecer e a amar um mestre assim, que falava de estranhas idéias revolucionárias, e acreditava num mundo diferente. Fui totalmente tomado por essa causa, e decidi acompanhar a sua luta irreverente e ousada. E embora fraco, senti-me nisso estranhamente forte; e apesar de não ter toda a sabedoria de que precisava, dei-me como instrumento ao Espírito, que falou por mim. Inspira-te nele quando educares, como também eu me inspirei.

Tua tarefa é árdua e bela. Para levá-la a cabo, jamais deixes de estudar. Não pode ensinar quem deixou de aprender. Lança-te, também tu, à aventura do inusitado. Vives num mundo em que a informação circula incessantemente, e os conteúdos disciplinares se tornam obsoletos em pouco tempo. Conecta-te nesse vasto mar de dados e mensagens e navega com ousadia, procurando outras paragens. Renova-te: reconhecendo que ainda não sabes, poderás ser livre. As certezas podem ter te tornado uma presa dos sentidos, e será preciso então que te libertes para que experimentes de novo o que é o indecifrável e possas penetrar os mistérios que nos envolvem.

Trabalha em conjunto com os demais. Há uma missão que inspira nossas obras: não a percas de vista. Nossa identidade comum será decisiva neste momento em que se encontram em crise os sistemas políticos, as estruturas econômicas, os referenciais éticos e os próprios paradigmas científicos que sustentaram, com frágeis certezas, as mentalidades das décadas anteriores. O que está no cerne desse perfil é uma educação que continue contribuindo com o esforço evangelizador. Isso não quer dizer que não se estimule, em nossas obras, o diálogo inter-cultural e inter-religioso; mas significa que, seja qual for o contexto ou a circunstância, temos o compromisso de formar pessoas que assumam valores de solidariedade e gratuidade, que amem os demais e dêem testemunho desse amor, envolvendo-se ativamente na construção de uma sociedade justa e feliz, marcada por relações de equidade, paz e fraternidade. Onde estiveres, dedica-te a formar pessoas que vivam a fé articulando o contemplativo com a justiça e o compromisso social; homens e mulheres para os demais, capazes de, em tudo, amar e servir. Oferece o que te foi dado fazer para a maior glória de Deus.

Essa fidelidade incondicional à nossa identidade, levada a cabo de uma forma criativa e atualizada, fará com que, articulado com tantos outros professores e instituições, sejas um só com eles. Integrarás essa grande rede, cujos nós não são edifícios nem torres, mas pessoas, que, em colaboração e por meio de projetos comuns, enfrentam com mais

força os desafios. Abre-te ao mundo: nessa rede que a todos envolve verás acolhidos e amparados os teus ideais pedagógicos.

Por fim, lembra-te do essencial: jamais esqueças de teu próprio compromisso, aquele pelo qual chegaste ao magistério e pelo qual permaneces nele. Não pode educar quem não tem um ideal que dá sentido ao seu trabalho, e que faz com que cada sala de aula se torne o mais belo dos lugares, porque nela são gestadas as mais poderosas transformações. Abre suas janelas e sente correr a brisa que anuncia a vida nova; olha as estranhas luzes que entram pelas frestas e que encham seu espaço de cores inusitadas. Observa: não há apenas quadros, mesas ou cadeiras, mas gente toda feita de expectativa e de sonho.

Sabes que não será fácil conservar esta chama, porque o cotidiano é penoso e complexo: sempre que puderes, reza com essa intenção. Procura ouvir a voz de Deus; o conhecimento das coisas muitas vezes começa no silêncio. Convido-te a fazer os Exercícios Espirituais, que podem inspirar-te de modo especial no teu trabalho. Tens por destino grandes obras, já que és educador; exercita-te no conhecimento do que Ele te pede.

Lembras que te dizia que, enquanto no início, todos os mestres eram padres jesuítas, agora somos muitos mais, num enorme corpo apostólico que conta com a colaboração de milhares de leigos e leigas em todo o mundo? Repara que me dirigi a ti, desde o início desta carta, como companheiro... É da Missão que te falava. Quero que, mais do que colaborador ou amigo, sejas nosso companheiro na Missão. Ela é tanto minha como tua; abraça-a com disponibilidade e coragem.

Ah, sim, pois devo dizer-te algo: nesta Missão, é preciso ter coragem. O medo nunca acrescentou nada de importante ou de diferente à história da humanidade. Ao contrário, ele só impediu mudanças, retardou transformações, adiou o que devia ser feito. O medo é contrário ao ser humano, fazendo-o sucumbir cada vez mais nas pequenas escuridões de si mesmo. O medo de mudar é velhice.

Só a coragem te permitirá abandonar o que acomoda e paralisa. Medo é fácil, comum; coragem é difícil. Coragem é estar disposto a enfrentar-se contra o que for necessário, em nome daquilo em que crês e no qual depositas tua esperança.

Medo é negar-se, é jamais sair de si. Medo é calar e voltar-se para dentro. E nós, querido companheiro, estamos voltados para o infinito.

Mas a coragem de que te falo é graça, é dom: não te esqueças de pedi-la diariamente a Deus.

Referências bibliográficas

CARACTERÍSTICAS da Educação da Companhia de Jesus. São Paulo: Loyola, 1987.

EDUCAÇÃO INACIANA: Desafios na virada do milênio. São Paulo: Loyola, 1999.

FÉ E JUSTIÇA nos Colégios da Companhia de Jesus. São Paulo: Loyola, 1987.

LOYOLA, Inácio de. Exercícios Espirituais. São Paulo: Loyola, 1989.

NOSSOS COLÉGIOS hoje e amanhã. São Paulo: Loyola, 1981.

PEDAGOGIA Inaciana: Uma proposta prática. São Paulo: Loyola, 1993.

PROJETO EDUCATIVO da Província do Brasil Centro-Leste da Companhia de Jesus. São Paulo: Loyola, 1998.

CODINA, Gabriel. "Fé e justiça nos conteúdos da instituição educativa". In: Fé e Justiça nos colégios da Companhia de Jesus. São Paulo: Loyola, 1987.

IVERN, Francisco. "Uma 'nova' missão, um 'novo' desafio". In: Revista do CEAP, Salvador: Centro de Estudos e Assessoria Pedagógica, 18: 58-71, set. 1997.

KLEIN, Luiz Fernando. "A atual formulação da pedagogia jesuíta: da atenção pessoal para o compromisso social". In: Estudos e documentos. 3º Simpósio de Pesquisa da FEUSP. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 38: 221-34, 1997.

_____. Educação e solidariedade: a pedagogia jesuítica hoje. In: PIMENTA, Selma (org.). Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo, Ed. Cortez, 1999.

KOLVENBACH, Peter-Hans. "A Pedagogia Inaciana Hoje". Discurso do P. Peter-Hans Kolvenbach aos membros do grupo de trabalho sobre "Pedagogia Inaciana. Uma proposta prática" (Villa Cavalletti, 29/4/1993). In: Pedagogia Inaciana: Uma proposta prática. São Paulo, Ed. Loyola: 89-115, 1993.

_____. Educar homens e mulheres hoje no espírito de Santo Inácio. In: Educação Inaciana: desafios na virada do milênio. São Paulo: Loyola, 1999.

O'MALLEY, John. Los Primeros Jesuitas. Mensajero-Sal Terrae, 1993.

RAMAL, Andrea Cecilia. "Ensinando a pensar, incitando a agir". In Ceap Revista de Educação, Salvador: Centro de Assessoria Pedagógica, 15: 28-44, dez.1996.

VÁSQUEZ, Carlos. "Ignacio de Loyola y la fundación de los colegios y las universidades - notas complementarias a la Parte IV de las Constituciones SI". Texto digital em http://www.puj.edu.co/pedagogia/seminario/Ignacio_y_fundacion.doc, 2/5/2002.